

Processo coletivo de reflexão sobre a atuação docente: o teatro como mediador

Alessandra Ancona de Faria
Universidade Paulista
mestre

Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação – PUC/SP
professora

Resumo: Este trabalho investiga as possibilidades apresentadas pelo jogo teatral somado à escrita dramática como forma de reflexão coletiva sobre a atuação docente. A concepção de jogo teatral se baseia na proposta de Viola Spolin (1997). A estrutura que o jogo teatral apresenta solicita, em quase sua totalidade, a necessidade de ser estabelecida uma relação entre os pares para que o problema proposto possa ser solucionado. Dessa forma, somente com a disponibilidade para trabalhar junto é que o jogo poderá ocorrer, resultando daí uma integração que se dá tanto pela necessidade de observação do outro como pelo prazer da conquista comum. Embora a prática do jogo teatral já possa trazer por si mesma uma reflexão aprofundada, entendo ser importante uma sistematização destas experiências vivenciadas coletivamente, também individualizada. Para tanto, proponho a utilização da escrita dramática. Essa opção se dá pelo fato de entender que nesta forma de escrever será possível não apenas registrar o que foi experimentado, como também dar continuidade ao processo criativo iniciado com o jogo teatral. Atualmente encontramos diversas formas de textos teatrais. A ruptura com a forma dramática que vem ocorrendo no último século e com mais intensidade nos últimos cinquenta anos nos oferece a possibilidade de explorarmos uma enorme diversidade de soluções para a escrita que será base para uma cena. A compreensão dessa possibilidade dá uma grande abertura para o professor que utilizará uma escrita criativa como forma de refletir sobre sua realidade. Pensar a formação como ato criador torna-se elemento fundamental e plausível no sentido de tornar um indivíduo mais sensível, e de que esta sensibilidade possa alterar a maneira das pessoas se relacionarem no mundo, integrando aspectos há muito dicotomizados.

Palavras-chave: jogo teatral, escrita dramática, formação docente, pedagogia do teatro

A escola pública tem se confrontado com diversos problemas para oferecer uma educação de qualidade para seus educandos. O próprio conceito de qualidade da educação não é consensual e tem sido carregado de representações e mitos sobre o que seria uma educação de qualidade.

A formação dos professores se inicia nos cursos de graduação, bem como os cursos de Magistério, em nível médio¹, e continua em todo o decorrer da carreira docente. A relevância desta pesquisa está no processo diferenciado de formação continuada que a escrita

¹ Ainda que devesse ser extinto a partir de 2006 em função da Década da Educação, concebida a partir da aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96), o Censo do Professor (INEP, 2003) deixou evidente um contingente representativo de professores em processo de formação em nível médio.

dramatúrgica somada ao jogo teatral representa. Considerada como parte da construção profissional do professor, os cursos de capacitação, aprimoramento, especialização, extensão que traduzem o caráter de formação continuada tendem a repetir processos já vivenciados ao longo da formação inicial. Assim, os índices de insatisfação, deserção ou absenteísmo em relação a essas práticas são elevados.

Considerando, assim, que a formação continuada deve contemplar as experiências já vivenciadas como questões e tensões do cotidiano e a contraposição que representam – ou não – às teorias e práticas iniciais, a escrita dramatúrgica junto ao jogo teatral desempenham, de modo significativo, a intenção da formação em serviço no sentido de uma reflexão - dialética – da sua condição de educador.

Entendo que a formação deve ser pensada como um processo permanente, que parta de problemas concretos experimentados pelo professor e que possa ser uma reflexão que relaciona a teoria à prática por ele vivida.

Para que esta reflexão ocorra, no sentido de transformar a prática que apresenta limites tanto no aspecto dos conceitos como das escolhas metodológicas feitas por ele, é necessário que o professor tenha autonomia, tenha independência intelectual, não se colocando permanentemente na postura de aprendiz.

A investigação e as propostas desenvolvidas tendo a história de vida dos professores como referência para esta reflexão e para a formação do professor são inúmeras (Nóvoa, Schön, Woods, Tardiff, Zeichner) e caminham por diferentes percursos, mas em todas elas temos a referência das experiências vividas como fonte de reflexão.

Trabalhar com a história de vida dos professores é entender a formação como um processo de construção de sentido, a construção de um sentido que só será possível na proposição de que cada professor possa criar a sua história, possa inventar permanentemente as formas pelas quais quer estar no mundo, entender e repensar suas concepções de educação e que possa dialogar com os seus colegas para a construção de um espaço comum, de uma escola que comporte as particularidades de cada um, mas que tenha um projeto de educação coletivo, dialogado e em permanente reflexão.

Para que possamos ser “construtores de nós mesmos”, (Rios: 2001), precisamos acreditar que o conhecimento a ser transmitido na aprendizagem não é algo fechado e pré-definido, o que desconsideraria as relações estabelecidas no momento exato de sua construção. Se entendermos o conhecimento como algo previamente definido, não há nada além da reprodução enfadonha, que congela a capacidade de novas perspectivas para o estar no mundo, para o existir.

Dentro dessa perspectiva, entendo que a reflexão estética poderá contribuir para um novo olhar sobre os conflitos e as dificuldades encontradas pelos professores.

Toma-se nessa pesquisa o teatro como meio de transformação e, dentro desse entendimento, a presença do teatro é fundamental para que a formação permita vivenciar as relações entre o real e o imaginário e a possibilidade de transformação dessa realidade. Na exploração do imaginário conseguiremos encontrar novas soluções para a construção de uma sociedade que se aproxime dos valores de justiça, igualdade de oportunidades, garantia dos direitos básicos para todos, busca da felicidade.

A criação se dá através das formas que encontra, das soluções que irão se manifestar em uma forma determinada, que na arte se manifestará em diferentes linguagens. Criar é dar uma forma a algo, com diferentes meios e modos. (OSTROWER, 1977)

A pesquisa aqui apresentada teve o teatro como linguagem artística a ser explorada. A linha de trabalho seguida é a da improvisação, que tem a imaginação/criação como seu elemento constitutivo. Ressalto aqui sua importância, pois observo que é na possibilidade de exploração de soluções novas, seja pela combinação de fatores entre os vários participantes, seja na utilização de respostas insólitas e criativas, individualmente é que se dá o reconhecimento da criatividade por cada um dos participantes.

Para tanto opto por trabalhar com jogos teatrais. A exploração da improvisação por intermédio do jogo teatral está fundamentada em dois conceitos que esclarecem o motivo de sua escolha, que são os conceitos de presença e de fisicalizar (SPOLIN, 1977).

A presença é fundamental à atuação e poderá ser atingida através do jogo, desde que o jogador consiga distanciar-se da expectativa mental sobre o que está fazendo e se coloque no jogo. Ela indica que este caminho será alcançado através do físico, possibilitando que o jogador se coloque no momento presente, deixando de estar na memória. Estar no presente é o que possibilitará o acontecimento do novo, do inesperado.

O fisicalizar, o tornar presente e o se permitir acreditar no que é visto cria um espaço imaginário que amplia enormemente as possibilidades do jogo. Observo que essa criação de um espaço imaginário, assim como do encontro de soluções criativas para as propostas feitas, faz com que cada participante tenha uma relação extremamente prazerosa com o trabalho. Vivencia-se assim uma possibilidade que está para além do domínio teatral, que pode ser resgatada nas muitas situações e relações da vida de cada um.

A estrutura que o jogo teatral apresenta solicita, em quase sua totalidade, a necessidade de ser estabelecida uma relação entre os pares para que o problema proposto possa ser solucionado. Dessa forma, somente com

a disponibilidade para trabalhar junto é que o jogo poderá ocorrer, resultando daí uma integração que se dá tanto pela necessidade de observação do outro como pelo prazer da conquista comum. Será com o reconhecimento do outro como outro e, portanto, de alguém que terá necessidades e características diferentes das suas próprias, que o professor poderá construir sua proposta de ensino.

A impossibilidade de resolução das proposições individualmente faz que essa relação coletiva se fortaleça e crie unidade, cada um se reconhecendo como integrante de um coletivo.

Sendo assim, entendo que a exploração das histórias de vida dos professores através do jogo teatral poderá ser uma enorme fonte de reflexões e apropriações do percurso traçado pelos professores em suas diferentes opções profissionais.

Embora a prática do jogo teatral já possa trazer por si mesma uma reflexão aprofundada, entendi ser importante uma sistematização dessas experiências vivenciadas coletivamente, agora de forma também individualizada. Para tanto, me utilizei da escrita dramática.

Essa opção se dá pelo entendimento de que nessa forma de escrever será possível não apenas registrar o que foi experimentado, como também dar continuidade ao processo criativo iniciado com o jogo teatral. Para escrever uma peça de teatro, o professor teve que lançar mão de suas reflexões que partiram dos relatos das histórias de vida dos professores envolvidos no trabalho, além do seu próprio relato, e das improvisações que estes relatos suscitaram.

A ruptura com a forma dramática que vem ocorrendo no último século e com mais intensidade nos últimos cinquenta anos nos oferece a possibilidade de explorarmos uma enorme diversidade de soluções para a escrita que será base para uma cena. A compreensão dessa possibilidade dá uma enorme abertura para o professor que utilizará uma escrita criativa como forma de refletir sobre sua realidade.

Pensar a formação como ato criador torna-se elemento fundamental e plausível no sentido de tornar um indivíduo mais sensível, e de que essa sensibilidade possa alterar a maneira das pessoas se relacionarem no mundo, integrando aspectos há muito dicotomizados.

Busco, nesta pesquisa, por um educador que pensa, planeja, executa, que reflete sobre suas ações, reconhecendo que de fato a sua construção pedagógica tem uma identidade, tem um jeito singular de ser, que é, afinal, o modo pelo qual concebe o mundo, as pessoas, as relações, a possibilidade de estar sendo e ocupando o seu lugar aqui, de uma ocupação que deixa marcas.

Pensar na instituição pública a partir desse trabalho proporciona condições de redimensionar o papel do educador junto à sociedade, pois, tendo educadores mais

qualificados e cuja sensibilidade é encarada como o cerne do seu processo de formação, teremos indivíduos mais críticos e nem por isso menos sensíveis. Acredito que essa formação será capaz de fazer com que cada um tenha capacidade de ordenar e conquistar sua própria autonomia, como sujeito criador, desencadeador e mediador do processo de construção de novos conhecimentos, e que esses conhecimentos possam formar pessoas mais livres, autoras, criadoras e críticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

RIOS, T. A. *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

SPOLIN, V. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1977.